

Houa

LIBERADO EXCLUSIVAMENTE
PARA FINS DE CENSURA DO TEX-
TO. AS REPRESENTAÇÕES ESTÃO
SUJEITAS A NOVA AUTORIZAÇÃO

REPRESENTANTE NO R. G. BUL

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

O NOVO OTELO

Comédia em 1 ato, de JOAQUIM MANOEL DE MACÊDO

Personagens:

- ANTÔNIO, procurador de causas;
- CALISTO, negociante de armário;
- FRANCISCA, filha de Antônio;
- JUSTINA, amiga de Francisca

A AÇÃO SE PASSA NO RIO DE JANEIRO

ATO ÚNICO

Sala na casa de Antônio. — Ao lado esquerdo, uma porta e duas janelas de peitoril que se abrem para a rua; ao lado direito, portas de comunicação com o interior da casa; ao fundo, porta de alcova; no meio da sala, mesa coberta com um grande pano verde que quase toca o chão. Papel, tinteiros e autos sobre a mesa. Uma estante ordinária com alguns livros a um lado; piano já meio usado. Cadeiras de palhinha ordinárias, e sofá e aparadores correspondentes.

CENA I

ANTÔNIO — (Só; vestido e pronto para sair; ao levantar-se o pano consulta o relógio) — Dez horas: é tempo de me ir chegando para o júri: que massada! depois que me naturalizei cidadão brasileiro tenho cem vezes torcido as orelhas sem deitar sangue. Tudo se pode ser no Brasil, menos cidadão brasileiro; porque são tantas as cousas!... É guarda nacional por um lado, júri pelo outro, agora eleições; daqui a pouco um conselho de qualificação; amanhã isto; depois d'amanhã aquilo, é sempre uma roda viva! nada: eu acabo por deitar fora a nova pátria, assim como dei a velha. A pátria é um verdadeiro traste de luxo, que mais incomoda do que utiliza.

CENA II

ANTÔNIO E CALISTO — (que entra e pára teatralmente diante de Antônio, imitando a entrada de Othelo no primeiro ato.)

ANTÔNIO — Então que é isto?... continuamos com a mania teatral?... Sr. Calisto, olhe que se vai assim, dá com os burros na grua, e marcha direitinho para o palácio da Praia Vermelha.

CALISTO —

Eu me calo, Odalberto, eu não respondo; Um jus tendes assás de confundir-me; Mas se já quando fui amigo vosso. Confesse, confesse, sr. Antônio, que esta en-

trada é sublime! E diabo me leve se não fico dez furos acima de João Caetano...

ANTÔNIO — Mas o Sr. agora não se ocupa de outra coisa.

CALISTO — Que quer?... aquêl teatrinho particular da sociedade reveladora dos grandes talentos acendeu-me na cabeça uma fomalha. (Bate na testa.) O Sr. Antônio pensa que aqui dentro há miolos, como nas cabeças dos outros homens?... Pois engana-se: aqui dentro fervem o Etna e o Vesúvio: talvez ignore o que sejam o Etna e o Vesúvio... eu lhe explicarei isso mais tarde. Agora não penso, não cuido, não vivo senão em Othelo, cuja parte desempenharei daqui a três dias. Que emoções! Que entusiasmo! Os camarotes cheios de moças bonitas... a platéia atopetada de povo... enchente real... pode-se contar com ela mesmo porque não se compram bilhetes. A Orquestra executa a ouverture. (Toca arremedando a música.) Já estão quase no fim... gente fora da cena! Gente fora da cena! Contraregras a seus lugares! Últimos compassos da ouverture. (Arremeda a música.) fim!... (Assobia) Lá vai o pano a cima... Eis o senado de Veneza. (Arranja o sofá e cadeiras como lhe parece.) Faça de conta que o Sr. é o senado de Veneza... ande... sente-se em tódas estas cadeiras. Fala Moncenigo... faça também de conta que o Sr. é Moncenigo: é um estúpido que há de enterrar o papel; mas não faz mal.

ANTÔNIO — Quem é estúpido, Sr. Calisto, quem é estúpido?

CALISTO — É o Manoelzinho lá da sociedade, homem; mas não me atrapalhe. Agora entra Odalberto... faça ainda de conta que o Sr. é Odalberto... entre por ali... entre por ali.

ANTÔNIO — Então eu sou tanta coisa ao mesmo tempo?

CALISTO — Não faz mal: está no sistema das acumulações dos emprêgos. Entrou... entende?... o sr. entrou e ninguém lhe deu importância. Agora eu, Othelo vai aparecer: apenas me puser os olhos em cima, torça o nariz,



faça uma cara muito feia, e sem se importar com as palmas e os aplausos com que o público me recebe, exclame com voz rouca e reconcentrado furor "ei-lo presente!" não se descuide... eu vou romper do bastidor... sentido? (Vai entrar como Othelo.) Então?... Sr. Antônio, não me esfrie a cena! não me esfrie a cena, Sr. Antônio! não se importe com os aplausos do público... fale, homem!... com trezentos diabos diga "ei-lo presente!"

ANTÔNIO — Meu amigo, o Sr. não vai bem do juízo: lembre-se, meu caro Sr. Calisto...

CALISTO — Eu já não sou Calisto; sou Othelo, o Mouro de Veneza.

ANTÔNIO — Mas repare que não estamos no teatro.

CALISTO — Sr. Antônio, sabe o que é o gênio?...

ANTÔNIO — Ah! Sr. Calisto, que pergunta me faz?... porque deixei eu a minha antiga taberna e me fiz procurador de causas, senão por obedecer aos impulsos irresistíveis do gênio?...

CALISTO — Tem razão: o gênio é um elemento impalpável, um fogo tão maravilhoso, que até às vezes pode chegar a introduzir-se na alma de um taverneiro.

ANTÔNIO — Hein? Como é isso? que quer dizer com essa?...

CALISTO — Quero dizer que o gênio é o diabo. Olhe, Sr. Antônio; eu reconheço que já não sei a quantas anda o meu armarinho: já não como, e já não durmo sossegado. Há dias em que chega-me um freguês, pede-me cartas de jogar, e eu dou-lhe soldados de chumbo; vem outro que pede tesouras, e eu dou-lhe obreias; vem um terceiro que quer comprar agulhas, e eu lhe apresento correntes de papagaio. À mesa do jantar encontro às vezes a imagem de Pezaro em um pedaço de carne seca, e a de Hedelmonda num prato de arroz de leite. De noite, oh! De noite a cena é tremenda e horrorosa: acordo espantado, envolvido no meu lençol, declamo furioso, e acabo sempre por assassinar Hedelmonda, dando com uma vela de sebo mil punhaladas no travesseiro. Oh! O gênio! O gênio é o diabo, Sr. Antônio.

ANTÔNIO — Mas dêsse modo, o Sr. Calisto fechará dentro em pouco a porta do seu armarinho.

CALISTO — Ora isto é insuportável!... Quando estou tratando de coisas sérias, vem-me o Sr. com banalidades! falo-lhe em gênio, e responde-me com o armarinho!

ANTÔNIO — Mas o armarinho é que lhe dá aquilo com que se compram os melões.

CALISTO — Mas o gênio aborrece o positivismo e a realidade.

ANTÔNIO — E a barriga, sr. Calisto?...

CALISTO — Desgraçadamente a barriga do gênio é tão exigente como a do cavalo e a do gato; mas a nação deve sustentar os grandes homens que a ilustram, e ao governo cumpre estabelecer pensões para eles.

ANTÔNIO — Já ha muita gente, gente demais que come o dinheiro da nação em santo ocio: meu caro Sr. Calisto, a sinecura é uma Sra. muito fidalga, que habita somente em casas nobres e em elegantes sobrados, e não desce jamais às casas térreas, e menos querera ir morar em um armarinho.

CALISTO — Pois é preciso fazer uma revolução.

ANTÔNIO — Nada... nada: eu sei que a maior parte das revoluções se fazem por causa da barriga; mas em regras os homens das casas térreas não ganham coisa alguma com elas, Sr. Calisto, cuide antes do seu armarinho; lembre-se de que me pediu a mão de minha filha, e que eu não posso querer para meu genro um gênio sem vintém. Tome juízo, quando não, dou o dito por não dito, e mando-o procurar mulher na casa dos orates. — mesmo que doído

CALISTO — (Ao menos meu respeito vos aplaque; De meu corpo contai as cicatrizes)

ANTÔNIO — Repito-lhe que tenha juízo... o sr. já tem obrigação de atender aos meus conselhos!

CALISTO — (Esqueci-me dos bens que me fizestes. Recordai-vos porém dos meus serviços, Que me amastes, que eu saio de um combate, E que este mouro enfim salvou o Estado)

ANTÔNIO — Sim! e o mais é que salvando o Estado como o sr., conheço eu duas ou três dúzias de mouros da sua ordem. Sr. Calisto, cure-se dessa loucura diabólica: vá conversar com a Chiquinha, que está lá dentro com a nossa vizinha a dona Justina, e veja se o amor o pode livrar dessa triste mania. Eu vou para o juri: o Sr. fez-me demorar mais do que devia, e o que faltava agora era o seu gênio ter feito que o impertinente do juiz de direito me impusesse a maldita multa. Adeus, sr. Calisto; adeus, e tenha juízo. (Vai-se).

CENA III

CALISTO (Só) — É um estúpido, que não admira as explosões do gênio! A minha encantadora Chiquinha, que é moça romântica, compreenderá e apreciará devidamente o meu entusiasmo. Adoro esta rapariga tanto, como a minha parte de Othelo... sim... porque mais é



sq. casa e ugoia

idade e Itália heiz do diário

Emprego de Othelo e que não obriga a ir trabalhar (distância pequena)

das passagens

304ando / todo

impossível. Oh! Se fôsse ela que fizesse o papel de Hedelmonda, ^{com} que prazer e arrebatamento eu lhe daria a punhalada do quinto ato! Não menos porém deve aparecer algum ímpeto de ciúme no meio deste amor que experimento pela Tiquinha. Que sublimes ciúmes não sentirei eu, agora que tenho de memória todos os furores de Othelo! Um amor sem ciúmes é como doce sem cravo nem canela. Sim... é preciso que eu me exaspere, que eu esbraveje mordido pela serpente do ciúme. É preciso, é inevitável, ou então não passarei de um Mouro de Veneza muito ordinário. Se eu apanhasse um pretexto, ^{que eu apanhasse} a Chiquinha está de palestra com a dona Justina... Se da conversação destas duas môças eu pudesse arranjar um moti-
na ponte dos pés em silêncio
vzinho mesmo do tamanho assim... bem lembrado... mas... ei-las que chegam: vou esconder-me embaixo desta mesa para ouvi-las sem ser visto. Como é formosa a Chiquinha! (Esconde-se.) ^{Esconde-se.}

CENA IV

Calisto, embaixo da mesa; Francisca e Justina.

FRANCISCA — ^{Esconde-se} Eimim! já se foi para o júri.

JUSTINA — Sempre é bom ver da janela, se ele realmente se vai.

FRANCISCA — Sim; vejamos. (Vão ambas à janela).

CALISTO (À parte) — Nada no mundo em tôda a natureza De tão pura virtude se aproxima. É a virtude que os mortais encanta...

JUSTINA — Dobrou a esquina.

FRANCISCA — Ainda bem. (Voltam à frente) — Independência ou morte! ^{ris (duos)}

CALISTO (À parte) — Porque saudará a Chiquinha a independência!... parece-me um pedaço de patriotismo um pouco fora de propósito.

JUSTINA — Mas então, dona Chiquinha, isto é sempre assim?...

FRANCISCA — Sempre assim; pelo menos desde oito dias é esta a vida que levo: foi ha oito dias a primeira vez que o vi; é um tesouro que devo à amizade de minhã prima Luizinha; mas também desde oito dias, desde que ele é meu, tanto eu o amo, como meu pai mostra aborrecê-lo.

CALISTO (À parte) — Bonito! Bem fiz eu em esconder-me embaixo da mesa; mas quem será este ele que é dela?

JUSTINA — E porque tanto ódio, dona Chiquinha?...

FRANCISCA — Porque diz meu pai que ele é indigno de mim, e que eu devo vencer-me e desprezá-lo. Oh! Isto já me vai exasperando...

talvez que me resolva a acabar por uma vez e bem cedo com este tormento.

JUSTINA — E como?...

FRANCISCA — Sou capaz de em menos de quinze dias estar casada com o Calisto do armarinho.

CALISTO (À parte.) — E depois em menos de oito de pregar-me algum mono!... Oh! Hedelmonda de uma figa!

JUSTINA — E ele que te há de amar tanto...

FRANCISCA — Por certo: morre por mim.

JUSTINA — Disseram-me que o Sr. Calisto é excessivamente ciumento.

CALISTO (À parte) — Não havia de ser, não, quando vou representar a parte do Mouro de Veneza.

FRANCISCA — Sim... dizem isso; mas embora; ainda quando eu lhe não tivesse amor algum, casar-me-ia com ele só para ver-me livre do mau génio e das impertinências de meu pai... Ora só o ódio que ele vota ao meu querido...

JUSTINA — A quem?... ao Sr. Calisto?...

FRANCISCA — Não; quando eu digo meu querido está visto que não é do Calisto do armarinho que quero falar.

CALISTO (À parte.) — Pondo mesmo de parte o papel de Othelo, eu creio que vou me sentindo um pouco incomodado! Isto vai-me cheirando a desafôro.

FRANCISCA — Pois bem; como eu te dizia, meu pai vota-lhe um ódio de morte; diz que por causa dêle não coso, não bordo e não estudo ha oito dias.

JUSTINA — Que injustiça!

FRANCISCA — É verdade! E então ele que gosta tanto de me ouvir tocar! Ainda anteontem ao levantar-me do piano, encontrei-o ao pé de mim, e sabes o que fêz?... beijou-me os dedos.

CALISTO (À parte.) — Oh! Desgraçado Othelo!...

JUSTINA — Que amor!

FRANCISCA — Ai está! não diria isso meu pai; não sei porque o detesta: ontem depois de ralar muito comigo, e de maldize-lo, perguntou-me afetando um sorriso irônico: "Por que te não casas com ele?..."

JUSTINA — Que mau génio de homem!

FRANCISCA — Ainda mais: a todo o momento lhe chama desenxabido e feio.

CALISTO (À parte.) — Este diabo de môça apoia tudo! Estava boa para deputado ministerial.

FRANCISCA — Injustiça sem dúvida: diz, dona Justina, serão felos aqueles olhos vivos e travessos?... será feio aquele rosto redondo e branco?... serão felos aqueles pés tão pequeni-



nos e feias aquelas mãos tão finas e tão macias? Oh! Como deixar de amá-lo?...

CALISTO (À parte) — Visto isso, o feio sou eu! Ah! Quando eu tinha a idéia de fingir ciúmes, entrar-me pelos ouvidos uma realidade que me parece um espeto em brasa...! Ah! Fementida!

JUSTINA — *perfeito, doloso* Então tu o amas loucamente?

FRANCISCA — Sim! eu o amo! será um capricho, uma loucura; mas não posso mais passar sem ele... eu dou-lhe os meus sorrisos de dia, e sonho com ele de noite.

CALISTO (À parte) —
Minha desgraça é certa; sim, eu vejo
Minha injúria. Esqueçamo-nos de tudo.
Morramos.

JUSTINA — Mas que paixão, dona Chiquinha!

FRANCISCA — E o mais é que eu entendo que tenho todo o direito de amar a quem bem me parecer.

JUSTINA — Eu também penso do mesmo modo: a vontade do cidadão é livre.

CALISTO (À parte) — Sim; ainda mesmo quando está na cadeia.

FRANCISCA — Pois não é assim?... não se fala tanto em direitos e garantias?... Quanto a mim, o direito e a garantia da mulher é amar a quem lhe agrada.

JUSTINA — Apoiada, dona Chiquinha, apoiadíssima.

CALISTO (À parte) — Que língua de prata que tem a Chiquinha! O ladrão havia de representar bem o papel de Hedeimonda.

FRANCISCA — Por consequência meu pai não me pode exigir não amar o meu querido.

JUSTINA — Não de certo: isso seria uma suspensão de garantias.

FRANCISCA — E portanto hei de amá-lo sempre, e cada vez mais.

JUSTINA — E fará muito bem.

CALISTO (À parte) — Olhem que demônio de conselheira!...

FRANCISCA — Quando eu vier tocar piano, tê-lo-ia ao pé de mim para que me ouça e me beije as mãos...

JUSTINA — Isso... isso...

CALISTO (À parte) — E eu então que papel farei nesta tragédia doméstica?... sinto-me furioso... até já nem me lembra pedaço algum da parte de Othelo.

FRANCISCA — Todas as tardes, enquanto meu pai dormir a sesta, ele e eu havemos de comer no mesmo prato do melhor doce que tivermos em casa...

CALISTO (À parte) — No mesmo prato e do melhor doce...

Côm que ardil a fementida

Có a dór, e o pranto, e os olhos me enganava!

FRANCISCA — E apesar de meu pai hei de sempre achar ocasião de acariciá-lo, e de gozar das suas carícias: ao levantar-me da cama... durante o dia... de noite mesmo procurarei vê-lo, e provar-lhe que o amo.

CALISTO (À parte) — De noite também!... Oh! mulher do diabo!...

JUSTINA — Eis aí como deveríamos ser todas: fortes... decididas...

FRANCISCA — Agora meu pai para afligir-me diz que quer ver se quando eu me casar com o Calisto, ainda farei as mesmas meiguices, e me portarei do mesmo modo com ele.

JUSTINA — E você que pensa, dona Chiquinha?...

CALISTO (À parte) — Sim... vamos ver o que pensa aquêlê demônio de saia.

FRANCISCA — Eu penso que posso muito bem depois de casada amá-lo como agora; penso que terei tempo de amar a meu marido, e a ele, e que até me será fácil conseguir que meu marido o ame também.

CALISTO (À parte) — Já se viu que destino me reserva aquela sonsa! Ah! Punhal de Othelo! Punhal de Othelo!...

JUSTINA — Eu também julgo isso muito possível e até natural.

CALISTO (À parte) — Pois não! quando uma diz: "Mata", a outra grita logo: "Esfola!" Ah! Punhal de Othelo! Punhal de Othelo!...

FRANCISCA — O meu querido! Ah! Mal podes conceber o susto que por causa dêle passei ainda há pouco. Meu pai mandou-me estudar piano, eu vim, e apenas tinha tocado os primeiros compassos de uma peça, chegou o meu querido, e ocupando uma cadeira que estava ao pé de mim, ficou imóvel ouvindo-me tocar; mas logo depois ouço os passos de meu pai... Ah! Não tive tempo senão de entrar ali na alcova, e de esconder o meu querido no meu próprio leito.

JUSTINA — E depois?...

FRANCISCA — Depois meu pai não deixou mais esta sala; agora porém aproveito o ensejo, e vou soltar o meu querido, que ficou trancado na alcova. (Vai).

JUSTINA — Sim... depressa... (Calisto salta debaixo da mesa.)

FRANCISCA — Ah!...

CALISTO — Ouvi tudo, mulher desleal e fementida! Nada de frívolas desculpas sei tu do: sei que tenho um rival ditoso, e que a minha noiva esconde o seu querido no seu próprio leito.

FRANCISCA — Ah! Ah! Ah! Ah!

CALISTO — E ri-se ainda?... Ah! Punhal de Othelo! Punhal de Othelo!... sim... um mar de sangue vai inundar esta sala!...



Nossos leões dos ermos,
Em furor, nos seus antros abrasados,
Os viajores trem'los despedaçam;
Melhor fôra para êle que os famintos
Leões em mil pedaços lhe espalhassem
As palpitantes carnes, do que agora
Vivo cair em minhas mãos terríveis!

A chave d'aquela porta! A chave d'aquela porta!

FRANCISCA — Ah! Ah! Ah! Ah!

JUSTINA — Que pretende fazer, Sr. Calisto?...

CALISTO — (A Justina) —
Concebe qual será meu regozijo
Vendo com olhos ávidos a perfida
Sôbre o cadáver palpar do amante,
E contar seus suspiros dolorosos
Debaixo do punhal que vai uni-los.
Que é isto, Othelo?... Bárbaro, suspende.

JUSTINA — Sr. Calisto, às vezes as aparências enganam...

CALISTO (A Justina) —
O furacão prediz a tempestade;
No relâmpago o raio se anuncia;
Dos leões do bosque ouve-se o bramido;
Mas a mulher, Oh! Céu!... perfida e calma
Nos embebe o punhal e nos afaga.
Chiquinha!...

FRANCISCA — Sabe que é mais, Sr. Calisto?... a sua cena de Othelo já está me aborrecendo muito!...

JUSTINA — É melhor dizer-lhe tudo...

FRANCISCA — Eu não lhe direi coisa alguma.

CALISTO — E eu não preciso que me dê explicações nem desculpas. Quero a chave daquela porta! Sra. dona Chiquinha, dê-me a chave daquela porta!

FRANCISCA — E para quê?...

CALISTO — Para ir procurar o meu indigno rival, e faltar no seu sangue a sede de vingança que me devora!

FRANCISCA — Ah! Ah! Ah! Ah!

CALISTO — A chave daquela porta!

FRANCISCA — Pois ei-la aí: (Dá-lhe a chave.) — Vergonha a quem recuar!

CALISTO — Não sei eu... (Indo a porta e parando.) — Oh! Punhal de Othelo! Punhal de Othelo!

FRANCISCA — Então, que é isso?... recua?...

CALISTO — Não! Nunca! mas devo primeiramente ir buscar o punhal de Othelo no armário.

JUSTINA (Que tem ido à janela) — Dona Chiquinha, aí vem seu pai...

FRANCISCA — Isto agora atrapalha-me: Sr. Calisto...

CALISTO — Nada ouço... vou buscar o punhal de Othelo...

CENA V

Os precedentes e Antônio

FRANCISCA — (A parte) — Agora, sim, tenho que ouvir de meu pai.

JUSTINA (A Francisca) — Disfarça o negócio, dona Chiquinha.

ANTÔNIO — Oh! o Sr. Calisto ainda aqui?... mas que diabo tem o Sr.?...

CALISTO (Imitando Othelo) — Nada.

ANTÔNIO — Dar-se-á por acaso que esteja incomodado, homem?...

CALISTO —
Nossa alma e nosso corpo necessitam,
Após grandes trabalhos, de repouso.
Sei que êle será longo... mas preciso...

FRANCISCA — Papai, eu tenho feito quanto posso para com o meu amor destruir as alições do Sr. Calisto...

CALISTO — Eu agradeço vossa piedade.

ANTÔNIO — Ah!... é a mania teatral! O bom do rapaz está ensaiando conosco a parte de Othelo.

FRANCISCA — Eu receio que o Sr. Calisto tenha alguma profunda mágoa no coração...

CALISTO (A Francisca) —

Creio que o vosso

Está tranqüillo... sua paz é dada

Fela inocência. Pezaro, saíamos! (Agarra em Justina.)

JUSTINA — Ai!... (Calisto vai sair. Antônio o segura.)

ANTÔNIO — O Sr. atreve-se a dar abraços nas moças em minha casa, e mesmo à vista da sua noiva?...

CALISTO — Sr. Antônio, nunca me esfrie as cenas!... Deixe-me! Deixe-me, que vou buscar o punhal de Othelo. (Vai-se.)

CENA VI

Francisca, Justina e Antônio.

ANTÔNIO — Está doido sem remissão.

FRANCISCA — Eu creio que sim, papai. Ele já não diz coisa com coisa.

JUSTINA — E agarra na gente, que faz mêdo!...

ANTÔNIO — Perdoe-lhe, dona Justina, perdoe-lhe, porque o pobre rapaz não anda bom do juízo.

JUSTINA — Ah! Sr. Antônio, eu sou muito compassiva; apenas êle acabou de dar-me o abraço, que eu logo lhe perdoei.

ANTÔNIO — E teve razão; porque também um abraço não é lá grande crime; dê-me,



porém, licença... vou tirar esta albarda e voltar já... (Vai-se).

CENA VII

Francisca e Justina.

JUSTINA — E agora?...

FRANCISCA — Agora é preparar-me para um sermão de duas horas; porque de certo o meu belo noivo acaba por fazer alguma asneira.

JUSTINA — Queres saber uma coisa, dona Chiquinha?... o teu noivo é um tolo.

FRANCISCA — É por essa razão que eu já tenho outro de olho.

JUSTINA — Ah! Então tu andas a duas amarras!

FRANCISCA — E ainda assim pode o navio ir a garra.

JUSTINA — Mas o tal Sr. Calisto! É um doido de pedras...

FRANCISCA — Ele diz que tudo aquilo é gênio.

JUSTINA — Gênio!... Hoje em dia as mais bonitas palavras servem para esconder as mais tristes idéias...

FRANCISCA — Mas o meu querido! Que será dele, dona Justina?...

JUSTINA — Pois não ha uma outra chave que sirva naquela porta?...

FRANCISCA — Qual! Aqui só há uma porta, que se abre com seis ou sete chaves...

JUSTINA — Adivinho, que é a do teu coração.

FRANCISCA — Tal e qual. Mas o meu querido...

JUSTINA — Se pudéssemos deitar a porta abaixo...

FRANCISCA — Tempo perdido: aquilo é como porta de cadeia... só a fogo...

JUSTINA — Admiro que já não se tenha queimado.

FRANCISCA — Por quê?...

JUSTINA — Porque és tu que dormes naquela alcova...

FRANCISCA — Mas o meu querido!... (Vai à porta e olha pela fechadura) — Lá está ele!... como é formoso!...

JUSTINA — Deixa-me ver. (Olha.) Tens razão: é muito bonito!

FRANCISCA (Olhando) — Eu creio que ele está dormindo... que feiticeiro!

JUSTINA — Ele mostra gostar muito da tua cama...

FRANCISCA — Sem dúvida; gosta muito... muito... (Olhando) como é formoso o meu querido! Olha outra vez, dona Justina...

Novembro -Dezembro, 1968

CENA VIII

Francisca, Justina e Antônio

ANTONIO — Que estás olhando pelo buraco da fechadura. Chiquinha?...

FRANCISCA — Nada, não, sr. Era brincado. Papai voltou hoje muito cedo do júri.

ANTONIO — Não houve sessão por falta de número legal de jurados; e por sinal que o juiz de direito multou, como o diabo

JUSTINA — Bem feito! Eu se fôsse homem, havia de ser um cidadão às direitas...

ANTONIO — Eis aí como são as cousas! E eu que sou homem desejava poder sê-lo às avessas... olhe que é muito incômodo, muito incômodo!...

FRANCISCA (À parte) — Coitadinho do meu querido!

CENA IX

Os precedentes, e Calisto, com um enorme punhal na cintura.

ANTONIO — Oh! que cara de algóz!...

JUSTINA — Misericórdia!...

FRANCISCA (À parte) — O maníaco vai pôr tudo em pratos limpos.

CALISTO (À Francisca) — Preparai-vos.

FRANCISCA — Preparar-me para que, Sr.?

CALISTO (À Francisca) — Então que diabo é isto?

ANTONIO (À Calisto) — Vossas preces a Deus hoje fizestes?...

CALISTO (À parte) — Ora que este maldito estúpido teime sempre em esfriar-me as cenas!...

ANTONIO — Que quer dizer esse punhal na cinta?... o Sr. usa de armas proibidas?... não sabe que o código criminal preveniu esse abuso?...

JUSTINA — Sr. Antônio, não o provoque... ele parece que vai sossegado.

CALISTO — O furor está no fundo do meu peito...

ANTONIO — Mas o caso vai-se tornando um pouco sério: Sr. Calisto... meu caro Sr. Calisto... o Sr. estremece...

CALISTO — Quem?... estou tranqüilo...

ANTONIO — Querem ver que esta mania acaba mal?...

JUSTINA — Tenha cuidado em sua filha, Sr. Antônio...

ANTONIO — Na Chiquinha?... que pretende o Sr. da Chiquinha?...

CALISTO —

(Pertença a outro espôso mais ilustre; Contento e glorioso, amando-o, goze De uma vida feliz, enquanto Othelo A paz terá no horror da sepultura.)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-023



Eis aqui a chave daquela alcova, Sr. Antônio; ali dentro da alcova, mesmo no leito de sua filha, está preso, encerrado, escondido, homisiado, oculto, protegido, e abafado um rival feliz, um namorado, um Adonis, um amante, um querido, um predileto, um Loredano da minha noiva!...

ANTÔNIO — Que escuto!... Chiquinha! Tu que dizes?...

FRANCISCA — É falso, papai: eu nunca tive um namorado só na minha vida.

CALISTO —
Eu quero nesse sangue que aborreço,
No seu vil sangue mergulhar mil vezes
Esta chave!

ANTÔNIO — Pois mergulhe, Sr. Calisto, se é verdade, mergulhe até não poder mais.

FRANCISCA — Papai!

ANTÔNIO — Silêncio! Desgraçada! Mergulhe, Sr. Calisto; mergulhe sem medo, porque não é crime ou pelo menos tem circunstâncias atenuantes a seu favor.

FRANCISCA — Dona Justina!... e agora?...

JUSTINA — Deixe ir a coisa para diante.

CALISTO (Empunhando o punhal) — Ah! o punhal de Othelo!... o punhal de Othelo...

Eu mesmo, à minha escolha,
Quero dar-lhe um suplicio; quero vê-lo
Sofrendo, inanimado e apresentá-lo
Ensanguentado aos olhos que o encantaram.

ANTÔNIO — Não perca tempo, Sr. Calisto; vá matar e esquartejar o malvado!

CALISTO (A Francisca) — Vêde este ferro!...

Eu vou, Sr. Antônio: ah! Punhal de Othelo!
Punhal de Othelo! (Vai abrir o quarto e entra.)

FRANCISCA — (A Antônio) — Papai, não ralhe comigo! Perdoe-me!

ANTÔNIO — Desgraçada! filha ingrata!... conta a minha maldição!...

FRANCISCA — Não é caso de maldição, papai! É de ralar só...

JUSTINA — Tenha pena dela, Sr. Antônio...

ANTÔNIO — Deixem-me!... (Calisto vem saindo com um cachorrinho nos braços.)

CALISTO — Onde irei?... onde estou? ah! Hedelmonda!... Hedelmonda!...

ANTÔNIO — Que é isto?...

JUSTINA — É o querido de dona Chiquinha!

FRANCISCA — É o meu pobre cachorrinho, papai!... é o QUERIDO!

ANTÔNIO — E então.

JUSTINA — O Sr. Calisto ouviu falar em querido, e pensou que era um namorado...

FRANCISCA — Não ralhe comigo, papai!

ANTÔNIO — Não, de certo: d'ora avante dou-te licença para brincar com o teu cachorrinho... (A Calisto) Que diz a isto, Sr. Othelo?...

CALISTO (A Francisca) — Eu me detesto. Fere: teu mal causando, eu sou indigno De ver-te ainda e de enxugar teu pranto.

FRANCISCA — Deixe-me, sr.; retire-se... fuja dos meus olhos...

CALISTO — Pois tu me desprezas Chiquinha?... não queres mais casar comigo?... Chiquinha, desculpa as explosões do gênio!

FRANCISCA — Nada; não quero para meu marido um gênio que toma um cachorrinho por seu rival.

ANTÔNIO — Bravo, minha filha! Manda esse louco para a casa dos Orates.

CALISTO — Decidido?...

FRANCISCA — Sem a menor dúvida.

CALISTO — Veja o que diz: depois quando acontecer alguma desgraça, não se arrependa.

FRANCISCA — Suceda o que suceder, já disse.

CALISTO — Pois bem! Terá a seus pés, o meu cadáver: o punhal de Othelo... punhal de Othelo!... veja lá!...

FRANCISCA — Deixe-me: eu o desprezo... eu o aborreço...

CALISTO —
Ch! mil vezes cruel, brutal Othelo!...

É pude perpetrar tão feio crime!
Que falsário infernal! Que homem! Que monstro!

Quem viu jamais tão negra atrocidade?...
Oh! Hedelmonda! Oh! Vítima de um tigre!
Fujam todos de mim... odeio tudo...
Tudo me causa horror... só quero a morte
(Fuge que se mata.)

FRANCISCA — Ah! Ah! Ah! Ah!

JUSTINA — Ah! Ah! Ah! Ah!

ANTÔNIO — Sr. Calisto, por quem é, tome juízo!

CALISTO (Levantando a cabeça) — Sr. Antônio, com os trezentos diabos já lhe disse que nunca me esfrie as cenas!... (Dá meio-dia.)

JUSTINA — Meio-dia! *meio-dia*

CALISTO (Levantando-se, apressado) — Meio-dia! São horas do ensaio geral! São horas do ensaio geral! (Vai-se correndo.)

ANTÔNIO — Está absolutamente doido!
(Francisca e Justina desatam a rir.)

Fim

O NOVO OTHELO

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Comédia em 1 ato, de JOAQUIM MANOEL DE MACÊDO

Personagens:

ANTÔNIO, procurador de causas;
CALISTO, negociante de armarinho;
FRANCISCA, filha de Antônio;
JUSTINA, amiga de Francisca

A Ação se passa no Rio de Janeiro

A TO ÚNICO

Sala na casa de Antônio. - Ao lado esquerdo, uma porta e duas janelas de peitoril que se abrem para a rua; ao lado direito, portas de comunicação com o interior da casa; ao fundo, porta de alcova; no meio da sala, mesa coberta com um grande pano verde que quase toca o chão. Papel, tinteiros e autos sobre a mesa. Uma estante ordinária com alguns livros a um lado; piano já meio usado. Cadeiras de palhinha ordinárias, e sofá e aparadores correspondentes.

CENA I

Antônio - (Só; vestido e pronto para sair; ao levantar-se o pano / consulta o relógio) - Dez horas: é tempo de me ir chegando para o júri: que massada! depois que me naturalizei cidadão brasileiro tenho com vezes torcido as orelhas sem deitar sangue. Tudo se pode ser no Brasil, menos cidadão brasileiro; porque são tantas as coisas!... É guarda nacional por um lado, júri pelo outro, agora eleições; daqui a pouco um conselho de qualificação; amanhã isto; depois d'amanhã aquilo, e sempre uma roda viva! nada: eu acabo por deitar fora a nova pátria, assim como deitei a velha. A pátria é um verdadeiro traste de luxo, que mais incomoda do que utiliza.

CENA II

Antônio e Calisto - (que entra e pára teatralmente diante de Antônio, imitando a entrada de Othelo no primeiro ato.)



Antônio - Então que é isto? continuamos com a mania teatral?... Sr. Calisto, olhe que se vai assim, dá com os burros n'água, e marcha dire^{to} tinha para o palácio da Praia Vermelha.

Calisto -

Eu me calo, Odalberto, eu não respondo;

Um jus tendes assás de confundir-me:

Mas se já quando foi amigo vosso.

Confesse, confesse, Sr. Antônio, que esta entrada é sublime! E diabo me leve se não fico dez furos acima de João Castano.

Antônio - Mas o Sr. agora não se ocupa de outra coisa.

Calisto - Que quer? ... aquêla teatrinha particular de sociedade reveladora dos grandes talentos acendeu-me na cabeça uma fomalha. (Bate na testa.) o Sr. Antônio pensa que aqui dentro há micos, como nas cabeças dos outros homens? ... Pois enganava-se: aqui dentro fervem o Etna e o Vesúvio: talvez ignore o que sejam o Etna e o Vesúvio.... eu lhe explicarei isso mais tarde. Agora não penso, não ouço, não vivo senão em Othelo, cuja parte desempenharei daqui a três dias. Que emoções! Que entusiasmo! Os camarotes cheios de moças bonitas... a platéia atopetada de povo... en^{che}nte real... pode-se contar com ela mesmo porque não se compram bilhetes. A orquestra executa a ouverture. (Toca arremedando a música.) Já estão quase no fim... gente fora da cena! Gente fora da cena! Contraregras a seus lugares! Últimos compassos da ouverture. (Arremeda a música.) / fim!... (Assobia) Lá vai o pano a cima... Eis o senado de Veneza. (arranja o sofá e cadeiras como lhe parece.) Faça de conta que o Sr. é o senado de Veneza... ande... sente-se em tôdas estas cadeiras. Fala Moncenigo... faça também de conta que o Sr. é Moncenigo: é um estúpido que há de enterrar o papel; mas não faz mal.

Antônio - Quem é estúpido, Sr. Calisto, quem é estúpido?

Calisto - É o Manoelzinho lá da sociedade, homem; que não me atrapa^{lha} - lhe. Agora entra Odalberto... faça ainda de conta que o Sr. é Odalberto... entre por ali... entre por ali.

Antônio - Então eu sou tanta coisa ao mesmo tempo?

Calisto - Não faz mal: está no sistema das acumulações dos emprégos. Entrou... entende?... o sr. entrou e ninguém lhe deu importância. Agora eu, Othelo vai aparecer: apenas me puser os olhos em cima, torça o nariz,



faça uma cara muito feia, e sem se importar com as palpas e os aplausos / com que o público me recebe, exclame com voz rouca e reconcentrado furor "ei-lo presente!" não se descuide... eu vou romper do bastidor... sentido? (Vai entrar como Othelo.) Então?... Sr. Antônio, não me esfrie a cena! não me esfrie a cena, Sr. Antônio! não se importe com os aplausos do público... fale, homem!... com trezentos diabos diga "ei-lo presente!"

Antônio - Meu amigo, o Sr. não vai bem do juízo: lembre-se, meu caro Sr. Calisto...

Calisto - Eu já não sou Calisto; sou Othelo, o Mouro de Veneza.

Antônio - Mas repare que não estamos no teatro.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0142 - CEP 90020-025

Calisto - Sr. Antônio, sabe o que é o gênio?...

Antônio - Ah! Sr. Calisto, que pergunta me faz?... porque deixei eu a minha antiga taberna e me fiz procurador de causas, se não por obedecer aos impulsos irresistíveis do gênio?...

Calisto - Mas razão: o gênio é um elemento impalpável, um fogo tão / maravilhoso, que até às vezes pode chegar a introduzir-se na alma de um taverneiro.

Antônio - Hein? Como é isso? que quer dizer com essa?...

Calisto - Quero dizer que o gênio é o diabo. Olhe, Sr. Antônio; eu reconheço que já não sei a quantas anda o meu armazinho: já não como, e já não durmo sossegado. Há dias em que chega-me um freguês, pede-me cartas de jogar, e eu dou-lhe soldados de chumbo; vem outro que pede tesouras, e eu dou-lhe obreias; vem um terceiro que quer comprar agulhas, e eu lhe apresento correntes de papagaio. À mesa do jantar encontro às vezes a imagem de Pezaro em um pedaço de carne seca, e a de Hedelmunda num prato de arroz de leite. De noite, oh! a De noite a cena é tremenda e horrorosa: acorde espantado, envolvido no meu lençol, declaro furioso, e acabo sempre por assassinar Hedelmunda, dando com uma vela de sebo mil punhaladas no travesseiro. Oh! O Gênio! O Gênio é o diabo, Sr. Antônio.

Antônio - Mas dêsse modo, o Sr. Calisto fechará dentro em pouco a / porta do seu armazinho.

Calisto - Ora isto é insuportável !...

Quando estou tratando de coisas sérias, vem-me o Sr. com banalidades! lo-lhe em gênio, e responde-me com o armazinho!



Antônio - Mas o armarinho é que lhe dá aquilo com que se compram os melões.

Calisto - Mas o gênio aborrece o positivismo e a realidade.

Antônio - E a barriga, sr. Calisto?...

Calisto - Desgraçadamente a barriga do gênio é tão exigente como a do cavalo e a do gato; mas a nação deve sustentar os grandes homens que a ilustram, e ao governo cumpre estabelecer pensões para eles.

Antônio - Já ha muita gente, gente demais que come o dinheiro da nação em santo ocio: meu caro Sr. Calisto, a sinecura é uma Sra. muito fidalga, que habita somente em casas nobres e em elegantes sobrados, e não desce - jamais às casas térreas, e menos quererá ir morar em um armarinho.

Calisto - Pois é preciso fazer uma revolução.

Antônio - Nada... nada: eu sei que a maior parte das revoluções se fazem por causa da barriga; mas em regras os homens das casas térreas não ganham coisa alguma com elas. Sr. Calisto, cuide antes do seu armarinho; lembre-se de que me pediu a mão de minha filha, e que eu não posso querer para meu genro um gênio sem vintém. Tome juizo, quando não, dou o dito por não dito, e mando-o procurar mulher na casa dos orates.

Calisto -

Ao menos meu respeito vos aplaque;

De meu corpo contai as cicatrizes

Antônio - Repito-lhe que tenha juizo... o sr. já tem obrigação de atender aos meus conselhos!

Calisto -

Esqueci-me dos bens que me fizestes.

Recordai-vos porém dos meus serviços,

Que me amastes, que eu saio de um combate,

E que este mouro enfim salvou o Estado.

Antônio - Sim! e o mais é que salvando o Estado como o sr., conheço - eu duas ou três dúzias de mouros da sua ordem. Sr. Calisto, cure-se dessa loucura diabólica: vá conversar com a Chiquinha, que está lá dentro com a nossa vizinha a dona Justina, e veja se o amor o pode livrar dessa triste mania.



Eu vou para o júri: o Sr. fez-me demorar mais do que devia, e o que faltava agora era o seu gênio ter feito que o impertinente do juiz de direito me impusesse a maldita multa. Adeus, sr. Calisto; adeus, e tenha juízo. (Vai-se).

C E N A III

Calisto (Só) - É um estúpido, que não admira as explosões do gênio ! A minha encantadora Chiquinha, que é moça romântica, compreenderá e apreciará devidamente o meu entusiasmo. Adoro esta rapariga tanto, como a / minha parte de Othelo... sim... porque mais é impossível. Oh! Se fôsse ela que fizesse o papel de Hedelmonda... com que prazer e arrebatamento - eu lhe daria a punhalada do quinto ato! Ao menos porém deve aparecer algum impeto de ciúme no meio dêste amor que experimento pela Tiquinha. / Que sublimes ciúmes não sentirei eu, agora que tenho de memória todos os furores de Othelo! Um amor sem ciúmes é como doce sem cravo nem canela. Sim... é preciso que eu me exaspere, que eu esbraveje mordido pela serpente do ciúme. É preciso, é inevitável, ou então não passarei de um Mouro de Veneza muito ordinário. Se eu apanhasse um pretexto... a Chiquinha está de palestra com a dona Justina... Se da conversação destas duas moças eu pudesse arranjar um motivozinho mesmo do tamanho assim.... bem lembrado... mas... ei-las que chegam: vou esconder-me embaixo desta mesa para ouvi-las sem ser visto. Como é formosa a Chiquinha! (Esconde-se.)

C E N A IV

Calisto, embaixo da mesa; Francisca e Justina.

Francisca - Enfim! Já se foi para o júri.

Justina - Sempre é bom ver da janela, se êle realmente se vai.

Francisca - Sim; vejamos. (Vão ambas à janela).

Calisto (À parte) -

Nada no mundo em tôda a natureza
De tão pura virtude se aproxima.
É a virtude que os mortais encanta...

Justina - Dobrou a esquina.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



Francisca - Ainda bem. (Voltam à frente) - Independência ou morte!

Calisto (À parte) - Porque saudará a Chiquinha a independência!... parece-me um pedaço de patriotismo um pouco fora de propósito.

Justina - Mas então, dona Chiquinha, isto é sempre assim?...

Francisca - Sempre assim; pelo menos desde oito dias é esta a vida que levo: foi ha oito dias a primeira vez que o vi; é um tesouro que devo à amizade de minha prima Luizinha; mas também desde oito dias, desde que êle é meu, tanto eu o amo, como meu pai mostra aborrecê-lo.

Calisto (À parte) - Bonito! Bem fiz eu em esconder-me embaixo da mesa; mas quem será êste êle que é dela?

Justina - E porque tanto ódio, dona Chiquinha?...

Francisca - Porque diz meu pai que êle é indigno de mim, e que eu devo vencer-me e desprezá-lo. Oh! Isto já me vai exasperando... talvez que me resolva a acabar por uma vez e bem cedo com êste tormento .

Justina - E como?...

Francisca - Sou capaz de em menos de quinze dias estar casada com o Calisto do armarinho.

Calisto (À parte.) - E depois em menos de oito de pregar-me algum moço!... Oh! Hedelmunda de uma figa!

Justina - E êle que te há de amar tanto...

Francisca - Por certo: morre por mim.

Justina - Disseram-me que o Sr. Calisto é excessivamente ciumento.

Calisto (À parte) - Não havia de ser, não, quando vou representar a parte do Mouro de Veneza.

Francisca - Sim... dizem isso; mas embora; ainda quando eu lhe não tivesse amor algum, casar-me-ia com êle só para ver-me livre do mau gênio e das impertinências de meu pai... Ora só o ódio que êle vota ao meu querido...

Justina - A quem?... ao Sr. Calisto?...

Francisca - Não: quando eu digo meu querido está visto que não é do Calisto do armarinho que quero falar.

Calisto (À parte.) - Pondo mesmo de parte o papel de Othelo, eu creio que vou me sentindo um pouco incomodado! Isto vai-me cheirando a desgafôro.



Francisca - Pois bem; como eu te dizia, meu pai vota-lhe um ódio de morte: diz que por causa d'êles não coso, não bordo e não estudo ha oito dias.

Justina - Que injustiça!

Francisca - É verdade! E então êle que gosta tanto de me ouvir tocar! Ainda anteontem ao levantar-me do piano, encontrei-o ao pé de mim, e sabes o que fêz?... beijou-me os dedos.

Calisto (À parte.) - Oh! Desgraçado Othelo!...

Justina - Que amor!

Francisca - Aí está! não diria isso meu pai; não sei porque o detesta: ontem depois de ralhar muito comigo, e de maldize-lo, perguntou-me a fetando um sorriso irônico: "Por que te não casas com êle?..."

Justina - Que mau gênio de homem!

Francisca - Ainda mais: a todo o momento lhe chama desenxabido e feio.

Calisto (À parte.) - Êste diabo de mōça apoia tudo! Estava boa para deputado ministerial.

Francisca - Injustiça sem dúvida: dize, dona Justina, serão feios aqueles olhos vivos e travessos?... será feio aquele rosto redondo e branco?... serão feios aqueles pés tão pequeninos e feias aquelas mãos tão finas e tão macias? Oh! Como deixar de amá-lo?...

Calisto (À parte) - Visto isso, o feio sou eu! Ah! Quando eu tinha a idéia de fingir ciúmes, entrar-me pelos ouvidos uma realidade que me parece um espeto em brasa...! Ah! Fementida!...

Justina - Então tu o amas loucamente?

Francisca - Sim! eu o amo! será um capricho, uma loucura; mas não / posso mais passar sem êle... eu dou-lhe os meus sorrisos de dia, e sonho com êle de noite.

Calisto (À parte) -

Minha desgraça é certa; sim, eu vejo
Minha injúria. Esqueçamo-nos de tudo.
Morramos.

Justina - Mas que paixão, dona Chiquinha!

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



Francisca - E o mais é que eu entendo que tenho todo o direito de / amar a quem bem me parecer.

Justina - Eu também penso do mesmo modo: a vontade do cidadão é li vre.

Calisto (À parte) - Sim; ainda mesmo quando está na cadeia.

Francisca - Pois não é assim?... não se fala tanto em direitos e ga rantias?... Quanto a mim, o direito e a garantia da mulher é amar a quem lhe agradar.

Justina - Apoiada, dona Chiquinha, apoiadíssima.

Calisto (À parte) - Que língua de prata que tem a Chiquinha! O la drão havia de representar bem o papel de Hedelmonda.

Francisca - Por consequência meu pai não me pode exigir não amar o meu querido.

Justina - Não de certo: isso seria uma suspensão de garantias.

Francisca - E portanto hei de amá-lo sempre, e cada vez mais.

Justina - E fará muito bem.

Calisto - (À parte) - Olhem que demônio de conselheira! ...

Francisca - Quando eu vier tocar piano, tê-lo-ia ao pé de mim para / que me ouça e me beije as mãos...

Justina - Isso... isso...

Calisto (À parte) - E eu então que papel farei nesta tragédia dom éstica?... sinto-me furioso... até já nem me lembra pedaço algum da par te de Othelo.

Francisca - Tôdas as tardes, enquanto meu pai dormir a sesta, ãle e eu havemos de comer no mesmo prato do melhor doce que tivermos em casa...

Calisto (À parte) - No mesmo prato e do melhor doce...

Com que ardil a fementida

Có a dôr, e o pranto, e os olhos me enganava!

Francisca - E apesar de meu pai hei de sempre achar ocasião de acari cía-lo, e de gozar das suas carícias: ao levantar-me da cama... durante o dia... de noite mesmo procurarei vê-lo, e provar-lhe que o amo.

Calisto (À parte) - De noite também!... Oh! mulher do diabo!...

Justina - Eis aí como deveríamos ser tôdas: fortes... decididas...



Francisca - Agora meu pai para afligir-me diz que quer ver se quando eu me casar com o Calisto, ainda farei as mesmas meiguices, e me portarei do mesmo modo com êle.

Justina - E você que pensa, dona Chuquinha?...

Calisto (À parte) - Sim... vamos ver o que pensa aquêle demônio de saia.

Francisca - Eu penso que posso muito bem depois de casada amá-lo como agora; penso que terei tempo de amar a meu marido, e a êle, e que me será fácil conseguir que meu marido o ame também.

Calisto (À parte) - Já se viu que destino me reserva aquela sonsa! Ah! Punhal de Othelo! Punhal de Othelo!...

Justina - Eu também julgo isso muito possível e até natural.

Calisto (À parte) - Pois não! quando uma diz: "Mata", a outra grita logo: "Esfola!" Ah! Punhal de Othelo! Punhal de Othelo!...

Francisca - O meu querido! Ah! Mal podes conceber o susto que por / causa dêle passei ainda ha pouco. Meu pai mandou-me estudar piano, eu vim, e apenas tinha tocado os primeiros compassos de uma peça, chegou o meu querido, e ocupando uma cadeira que estava ao pé de mim, ficou imóvel ouvir-me tocar; mas logo depois ouço os passos de meu pai... Ah! Não tive tempo senão de entrar alí na alcova, e de esconder o meu querido no meu próprio leito.

Justina - E depois?...

Francisca - Depois meu pai não deixou mais esta sala; agora porém a proveito o ensejo, e vou soltar o meu querido, que ficou trancado na alcova. (Vai).

Justina - Sim... depressa... (Calisto salta debaixo da mesa.)

Francisca - Ah!...

Calisto - Ouvi tudo, mulher desleal e fementida! Nada de frívolas / desculpas sei tudo: sei que tenho um rival ditoso, e que a minha noiva esconde o seu querido no seu próprio leito.

Francisca - Ah! Ah! Ah! Ah!

Calisto - E ri-se ainda?... Ah! Punhal de Othelo! Punhal de Othelo!
... sim... um mar de sangue vai inundar esta sala!...
Nossos leões dos ermos,



Em furor, nos seus antros abrasados,
Os viajores trem'los despedaçam;
Melhor fôra para êle que os famintos
Leões em mil pedaços lhe espalhassem
As palpitantes carnes, do que agora
Vivo cair em minhas mãos terríveis!

A chave d'aquela porta! A chave d'aquela porta!

Francisca - Ah! Ah! Ah! Ah!

Justina - Que pretende fazer, Sr. Calisto?...

Calisto - (À Justiça) -

Concebe qual será meu regozijo
Vendo com olhos ávidos a perfida
Sôbre o cadáver palpitar do amante,
E contar seus suspiros dolorosos
Debaixo do punhal que vai uni-los.
Que é isto, Othelo?... Bárbaro, suspende.

Justina - Sr. Calisto, às vêzes as aparência enganam...

Calisto (À Justiça) -

O furação prediz a tempestade;
No relâmpago o raio se anuncia;
Dos leões do bosque ouve-se o bramido;
Mas a mulher, Oh! Céu!... pérvida e calma
Nos embebe o punhal e nos afaga.
Chiquinha!...

Francisca - Sabe que é mais, Sr. Calisto?... a sua cena de Othelo /
já está me aborrecendo muito!...

Justina - É melhor dizer-lhe tudo...

Francisca - Eu não lhe direi coisa alguma.

Calisto - E eu não preciso que me dêm explicações nem desculpas. -
Quero a chave daquela porta! Sra. dona Chiquinha, dê-me a chave daquela
porta!

Francisca - E para que?...

Calisto - Para ir procurar o meu indigno rival, e faltar ao seu sen-
gue a sêde de vingança que me devora!

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



Francisca - Ah! Ah! Ah! Ah!

Calisto - A chave daquela porta!

Francisca - Pois ei-la aí: (Dá-lhe a chave) - Verganha a quem recuar!

Calisto - Não serei eu (indo a porta e parando.) - Oh! Punhal de Othelo! Punhal de Othelo!

Francisca- Então, que é isso?.... recua?...

Calisto - Não! Nunca! mas devo primeiramente ir buscar o punhal de Othelo no arma rinho.

Justina - (que tem ido à janela) - Dona Chiquinha, aí vem seu pai..

Francisca - Iso agora atrapalha-me: Sr. Calisto.

Calisto - Nada ouço... vou buscar o punhal de Othelo...

C E N A - V
OS PRECEDENTES DE ANTONIO

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Francisca - (À parte) - Agora, sim, tenho que ouvir de meu pai.

Justina (À Francisca) - Disfarça o negócio, dona Chiquinha.

Antônio - Oh! o Sr. Calisto ainda aqui?... mas que diabo tem o Sr?...

Calisto - (Imitando Othelo) - Nada.

Antônio = Dar-se-á por acaso que esteja incomodado,, homem?...

Calisto -

Nossa alma e nosso corpo necessitam,

Após grandes trabalhos, de repouso.

Sei que êle será longo... mas preciso...

Francisca - Papai, eu tenho feito quanto posso para com o meu amor destruir as aflições do Sr. Calisto...

Calisto = Eu agradeço vossa piedade.

Antônio - Ah!.. é a mania teatral! O bom do rapaz está ensaiando conosco a parte de Othelo.

Francisca - Eu receio que o Sr. Calisto tenha alguma profunda mágoa no coração...

Calisto (À Francisca) -

Creio q ue o vosso

Está tranquilo... sua paz é dada

Pela inocência. Pezar, saíamos (Agarra em Justina.)



Justina - Ai!..... (Calisto vai sair. Antônio o segura.)

Antonio - O Sr. atreve-se a dar abraços nas moças em minha casa, e mesmo à vista da sua noiva? ...

Calisto - Sr. Antônio, nunca me esfrie as cenas!... Deixe-me! Deixe-me, que vou buscar o punha de Othelo. (Vai-se.)

C E N A - VI

FRANCISCA, JUSTINA E ANTÔNIO

Antônio - Está doido sem remissão.

Francisca - Eu creio que sim, papai.

Ele já não diz coisa com coisa.

Justina - E agarra na gente, que faz medo!...

Antônio - Perdoe-lhe, dona Justina, perdoe-lhe, porque o pobre ra paz não anda bom do juízo.

Justina - Ah! Sr. Antônio, eu sou muito compassiva; apenas êle acabou de dar-me o abraço, que eu logo lhe perdoei.

Antônio - E teve razão; porque também um abraço não é lá grande crime; dê-me, porém, licença!... vou tirar esta albarda e volto já.. (Vai-se).

C E N A - VII

FRANCISCA E JUSTINA

Justina - Ea agora?...

Francisco - Agora é preparar-me para um sermão de duas horas; porque de certo o meu belo noivo acaba por fazer alguma asneira.

Justina - Queres saber uma coisa, dona Chiquinha?... o teu noivo é um tolo.

Francisca - É por essa razão que eu já tenho outro de olho.

Justina - Ah! Então tu andas a duas amarras !

Francisca - E ainda assim pode o navio ir a garra.

Justina - Mas o tal Sr. Calisto! É um doido de pedras!...

Francisca - Ele diz que tudo aquilo é gênio.

Justina - Gênio!... Hoje em dia as mais bonitas palavras servem para esconder as mais tristes idéias....

Francisca - Mas o meu querido! Que será dêle, dona Justina?...

Justina - Pois não há uma outra chave que sirva naquela porta?....



Francisca - Qual! Aqui só há uma porta, que se abre com seis ou sete chaves...

Justina - Adivinho, que é a do teu coração.

Francisca - Tal e qual. Mas o meu querido...

Justina - Se pudéssemos deitar a porta abaixo...

Francisca - Tempo perdido: aquilo é como porta de cadeia.. só a fôgo..

Justina - Admiro que já não se tenha queimado.

Francisca - Por que ?...

Justina - Porque és tu que dormes naquela alcova....

Francisca - Mas o meu querido!...

(Vai à porta e olha pela fechadura) - Lá está êle!... como é formoso!..

Justina - Deixa-me ver. (Olha.) Tens razão: é muito bonito!

Francisca (Olhando) - Eu creio que êle está dormindo... que fei
ticeiro!

Justina - Êle mostra gostar muito da tua cama.....

Francisca - Sem dúvida; gosta muito... muito... (Olhando) como é formoso o meu querido! Olha outra vez, dona Justina....

C E N A - VIII

FRANCISCA, JUSTINA E ANTÔNIO

Antônio - Que estás olhando pelo buraco da fechadura. Chiquinha?...

Francisca - Nada, não, sr. Era brinquedo Papai voltou hoje muito ce
do do júri.

Antônio - Não houve sessão por falta de número legal de jurados; e por sinal que o juiz de direito multou, como, o diabo

Justina- Bem feito! Eu se fôsse homem, havia de ser um cidadão às direitas.....

Antônio - Eis aí como são as cousas?!

E eu que sou homem desejava poder sê-lo às avessas.... olhe que é muito incômodo, muito incômodo!::.....

Francisca (À parte) - Coitadinho do meu querido!



OS PRECEDENTES, DE CALISTO? COMO UM ENORME PUNHAL NA CINTURA

Antônio - Oh! que cara de algóz!...

Justina - Misericórdia!...

Francisca (À parte) - O maníaco vai pôr tudo em pratos limpos.

Calisto (À Francisca) - Preparai-vos.

Francisca - Preparar-me para que, Sr.?...

Calisto (À Francisca) - Então que diabo é isto?

Antônio (À Calisto) - Vossas preces a Deus hoje fizestes?...

Calisto (À parte) - Ora que êste maldito estúpido teime sempre em esfriar-me as cenas!...

Antônio - Que quer dizer êsse punhal na cinta?... o Sr. usa armas / proibidas?... não sabe que o código criminal preveniu êsse abuso?...

Justina - Sr. Antônio, não o provoque... êle parece que vai sossega-
do.

Calisto - O furor está no fundo do meu peito...

Antônio - Mas o caso vai-se tornando um pouco sério; Sr. Calisto...
meu caro Sr. Calisto... o Sr. estremece...

Calisto - Quem?... estou tranqüilo...

Antônio - Querem ver que esta mania acaba mal?...

Justina - Tenha cuidado em sua filha, Sr. Antônio...

Antônio - Na Chiquinha?... que pretende o Sr. da Chiquinha?...

Calisto -

Pertença a outro espôso mais ilustre;
Contente e gloriosa, amando-o, goze
De uma vida feliz, enquanto Othelo
A paz terá no horror da sepultura.

Eis aqui a chave daquela alcova, Sr. Antônio; ali dentro da alcova,
mesmo no leito de sua filha, está prêso, encerrado, escondido, homisia-
do, oculto, protegido, e abafado um rival feliz, um namorado, um Adonis,
um amante, um querido, um predileto, um Loredano da minha noiva!...



Antônio - Que escuto!... Chiquinha! Tu que dizes?...

Francisca - É falso, papai: eu nunca tive um namorado só na minha vida.

Calisto -

Eu quero nêsse sangue que aborreço,
No seu vil sangue mergulhar mil vêzes

Esta chave!

Antônio - Pois mergulhe, Sr. Calisto, se é verdade, mergulhe até não poder mais.

Francisca - Papai!

Antônio - Silêncio! Desgraçada! Mergulhe, Sr. Calisto; mergulhe sem medo, porque não é crime ou pelo menos tem circunstâncias atenuantes a seu favor.

Francisca - Dona Justina!... e agora?...

Justina - Deixe ir a coisa para diante

Calisto (Empunhando o punhal) - Ah! o punhal de Othelo... o punhal de Othelo...

Eu mesmo, à minha escolha,
Quero dar-lhe um suplício; quero vê-lo
Sofrendo, inanimado e apresentá-lo
Ensanguentado aos olhos que o encantaram.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0142 - CEP 90020-025

Antônio - Não perca tempo, Sr. Calisto; vá matar e esquartejar o mal vado!

Calisto (À Francisca) - Vêde êste ferro!...

Eu vou, Sr. Antônio: Ah! Punhal de Othelo! Punhal de Othelo! (Vai abrir o quarto e entra.)

Francisca - (À Antônio) - Papai, não ralhe comigo! Perdoe-me!

Antônio - Desgraçada! filha ingrata!... conta a minha maldição!...

Francisca - Não é caso de maldição, papai! É de ralar só...

Justina - Tenha pena dela, Sr. Antônio...

Antônio - Deixem-me!... (Calisto vem saindo com um cabhorrinho nos braços.)

Calisto - Onde irei?... onde estou? ah! Hedelmonda!... Hedelmonda!...

Antônio - Que é isto?...



Justina - É o querido de dona Chiquinha!

Francisca - É o meu pobre cachorrinho, papai!... é o QUERIDO!

Antônio - E então.

Justina - O Sr. Calisto ouviu falar em querido, e pensou que era um namorado...

Francisca - Não ralhe comigo, papai!

Antônio - Não, de certo: d'ora avante dou-te licença para brincar com o teu cachorrinho... (À Calisto) que diz a isto, Sr. Othelo?...

Calisto (À Francisca) - Eu me detesto,
Fere: teu mal causando, eu sou indigno
De ver-te ainda e de enxugar teu pranto.

Francisca - Deixe-me, sr.; retire-se... fuja dos meus olhos...

Calisto - Pois tu me desprezas Chiquinha?... não queres mais casar comigo?...

Francisca - Nada: não quero para meu marido um gênio que toma um cachorrinho por seu rival.

Antônio - Bravo, minha filha! Manda êsse louco para a casa dos Ora-tes.

Calisto - Decidido?...

Francisca - Sem a menor dúvida.

Calisto - Veja o que diz: depois quando acontecer alguma desgraça, não se arrependa.

Francisca - Suceda o que suceder, já disse.

Calisto - Pois bem! Terá a seus pes, o meu cadáver: o punhal de Othe-lo... punhal de Othelo!... veja lá!...

Francisca - Deixe-me: eu o desprezo... eu o aborreço...

Calisto -

Oh! mil vêzes cruel, brutal Othelo!...

E pude perpetrar tão feio crime!

Que falsário infernal! Que homem! Que monstro!

Quem viu jamais tão negra atrocidade?...

Oh! Hedelmonda! Oh! Vítima de um tigre!

Fujam todos de mim... odeio tudo...



Tudo me causa horror... só quero a morte.

(Finge que se mata.)

Francisca - Ah! Ah! Ah! Ah!

Justina - Ah! Ah! Ah! Ah!

Antônio - Sr. Calisto, por quem é, tome juízo!

Calisto - (Levantando a cabeça) - Sr. Antônio, com os trezentos diabos já lhe disse que nunca me esfrie as cenas!... (Dá meio-dia).

Justina - Meio-dia!

Calisto (Levantando-se, apressado) - Meio-dia! São horas do ensaio geral! São horas do ensaio geral! (Vai-se correndo.)

Antonio - Está absolutamente doido! (Francisca e Justina desatam a rir.)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

